"ET ORENT PRO DEFUNCTIS": Imagens da morte nos conventos franciscanos do Nordeste do Brasil.

Maria Angélica da Silva [1]
Ana Cláudia Magalhães [2]

RESUMO
A partir de estudo sobre conventos franciscanos distribuídos entre Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, este artigo abordará marcas referentes à morte, associadas à arquitetura conventual e dispostas ao longo de paredes e tetos. A morte se apresentará de diversas formas. Pela palavra, atos litúrgicos, orações, mas também através de extenso programa iconográfico exposto na imaginária, pinturas e talhas. Tais recursos se espalham por expressiva parte do edifício, somando-se à longa ritualística praticada, da qual fazia parte a rememoração da morte e exploração de expressões artísticas de caráter fúnebre. Por meio desse conjunto de recursos iconográficos recorrentemente observados nos conventos, extraídos das visitas e fontes primárias consultadas, buscar-se-á refletir acerca de supostas qualificações da temática mortuária quando apropriada pela Ordem Franciscana, tida como dotada de poética própria, cuja familiaridade com a finitude da vida permite chama-la "Irmã Morte", integrando-a, de modo muito próprio, como parte do cotidiano de suas casas e vidas.
Palavras-chave: Morte. Religião. Franciscanos. Conventos. Iconografia.

"ET ORENT PRO DEFUNCTIS": Imágenes de la muerte en conventos franciscanos del Nordeste de Brasil.

RESUMEN
Basado en un estudio de conventos franciscanos distribuidos entre Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahía,este artículo abordará las marcas relacionadas con la muerte, asociadas con la arquitectura conventual y dispuestas a lo largo de paredes y techos. La muerte vendrá en muchas formas. Por palabra, actos litúrgicos, oraciones, pero también a través de un extenso programa iconográfico expuesto en lo imaginario, pinturas, esculturas. Dichos recursos se extienden por una parte significativa del edificio, lo que se suma a la larga práctica ritualista, que incluía el recuerdo de la muerte y la exploración de expresiones artísticas funerarias. A través de este conjunto de recursos iconográficos observados recurrentemente en los conventos, extraídos de las visitas y fuentes primarias consultadas, buscaremosreflexionar sobre supuestas calificaciones del tema mortuorio cuando sea apropiado por la Orden Franciscana,considerada como teniendo su propia poética, cuya familiaridad con el La finitud de la vida le permite ser llamada"Hermana Muerte", integrándola a su manera como parte de la vida diaria de sus hogares y vidas.
Palabras clave: Muerte. Religión. Franciscanos. Conventos. Iconografía.

"ET ORENT PRO DEFUNCTIS": Images of death in franciscan convents of Northeast Brasil.

ABSTRACT
Based on a study of franciscan convents distributed between Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia states,this article will deal with marks related to death, associated with conventual architecture and arranged along its walls and ceilings. Death will come in many forms. By word, in the liturgical acts, prayers, but also trough the extensive iconographic program shaped in the imaginary, paintings and carvings. Such resources are spread over a significant part of the building, adding to the long ritualistic practiced, which included the remembrance of death and the exploration of funereal artistic expressions. Through these set of iconographic resources recurrently observed in the convents, extracted from the visits and the consulted primary sources we will seek to reflect on supposed qualifications of the mortuary theme when appropriate by the Franciscan order. This is considered as having its own poetics, whose familiarity with the finitude of life allows her to be called "Sister Death", properly integrated, in a very own way, as partof the daily life of their homes and lives.
Keywords: Death. Religion. Franciscans. Convents. Iconography.

[1] Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Bolsista de produtividade do CNPq; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. E-mail: mas.ufal@gmail.com
[2] Arquiteta: historiadora e restauradora de bens culturais móveis. Servidora Federal do Iphan, lotada na Coordenação Geral de Conservação do Patrimônio Material; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa *Estudos da Paisagem*. E-mail: ana.magalhães@iphan.gov.br

Figura 1 - Cruzeiro do convento de Nossa Senhora das Neves, Olinda. Pernambuco.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem

INTRODUÇÃO

Os conventos franciscanos são estudados sob diversos aspectos, notadamente questões históricas e estéticas. Entretanto, são pouco enfatizados como espaços de sepultamento e abrigos de uma função essencial às dinâmicas urbanas: a oferta de um lugar para os mortos.

Quando em 1500 os frades chegam ao Brasil, vêm atrelados a um projeto de ocupação do território. Assim, constroem seus conventos que se destacam na paisagem das povoações pela massa edificada, em antítese ao casario singelo, e pelos serviços oferecidos à população, como ensino, apoio na doença e na guerra.

Embora representando a linguagem construtiva de influência portuguesa, se requalificam perante a nova cena tropical[3]. Nossa Senhora das Neves, em 1585, em Olinda, Pernambuco, será o primeiro dos 14 conventos construídos no Nordeste dentro desse espírito (Figura 1).

Contudo, o protagonismo conventual também se afirma na estrutura de acolhimento à morte. Espaço eminentemente cerimonial, as casas franciscanas não festejavam apenas a vida comemorada nos batismos e casamentos. Celebrada com ações de graças, a morte gozava da intimidade conventual, pois significava a passagem para Entretanto, para acesso a tais benefícios não bastava conduta exemplar em vida.

Entretanto, para acesso a tais benefícios não bastava conduta exemplar em vida. Os lugares físicos dos sepultamentos teriam significativa influência na destinação das almas ao céu, purgatório, ou o temido inferno. A tradição de enterrar-se em igrejas vinha desde os primeiros séculos do Cristianismo e continua justificada pela legislação canônica setecentista:

> É costume pio, antigo, e louvável na Igreja Catholica, enterrarem-se os corpos dos fieis Christãos defuntos nas igrejas e cemitérios dellas: porque como são lugares, a que todos os fieis concorrem para ouvir, e assistir ás Missas e officios divinos, e Orações, tendo á vista as sepulturas, se lembrarão de encommendar a Deos nosso Senhor as almas dos ditos defuntos, especialmente dos seus, para que mais cedo sejão livres das penas do Purgatório (…) (VIDE, 2007, p.295).

[3] CAMPELLO, 2001 e SILVA, 2017.

Figura 2 - Fachada da Capela da Ordem Terceira

Fonte: Ana Cláudia Magalhães. 2007.

um percurso pelas casa franciscanas, permite compor uma cartografia dos espaços timbrados pela morte. Desenhada para abrigar a vida dos frades, a arquitetura conventual acolhia as memórias dos que haviam partido. Apesar de ser casa e abrigo, narrava, em pedra e cal, a efemeridade da vida e das obrigações a serem cumpridas até o dia do encontro com a Irmã Morte.

A MORTE NOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO NORDESTE

O Brasil Colônia era dominado pelo pensamento hegemônico que unia a cristandade: a consciência da finitude do corpo físico. Decorre daí o esforço coletivo da população na construção de igrejas para a realização da prática funerária, conforme a tradição religiosa, garantindo junto o cerimonial litúrgico, os sacramentos, a imaginária.

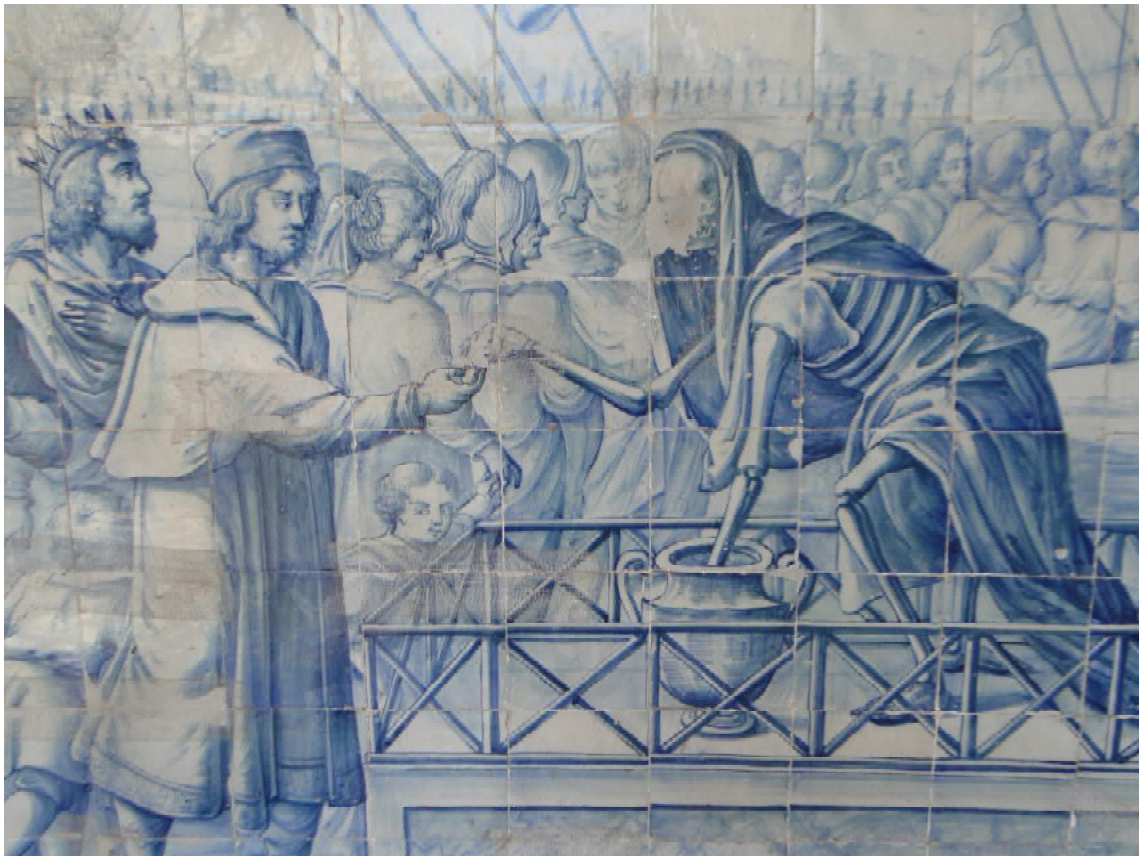
Fazendo uma leitura da arquitetura do convento na perspectiva mortuária, é possível constatar que a sua concepção projetual estava atenta a esta questão, seja na disponibilidade dos espaços de enterramento, seja nos aspectos simbólicos que também ressoavam na estrutura construída. Se começamos a cartografá-lo pelo viés da morte, começamos a encontrar evidências já pelo adro, pois este espaço sempre teve uma função ligada a práticas funerárias.

Os Estatutos da Província de Santo Antônio confirmam esse uso ao apontá-lo como alternativa para os pobres, sem condições de arcar com custos da morte: "As sepulturas dos adros poderá conceder o Irmão Guardiaõ por sí só aos pobres, e necessitados, aos quaes se lhe deve dar sepultura por obra de misericórdia, e caridade [...]"[4].

Também no adro, sempre haverá, em destaque à frente da edificação, a presença do cruzeiro, por vezes exibindo uma larga base decorada, no formato de monte, que recorda o local da crucificação de Jesus (Figura1).

[4] SANTA ISABEL, 1709, p.134.

Figura 3 - Detalhe de painel de azulejo do claustro do Convento de São Francisco, em Salvador/BA.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Continuando na área externa, muitas vezes a própria fachada serve de suporte para menções à cultura funerária. A capela da Ordem Terceira de São Francisco, em Salvador/BA, é emblemática, pois apresenta uma serie de elementos, pagãos e cristãos, fortemente associados à morte: cruzes, coroa de espinhos, os estigmas de Cristo e Francisco em braços que se cruzam em estreita intimidade espiritual. Destacam-se, ainda, conchas, "siìmbolo da travessia da vida", atlantes, que "lembram a passagem do tempo", ossos cruzados, caveiras, essa última lembrando o fim da vida terrena que a todos, sem exceção, atinge[5]. O próprio São Francisco, instalado de forma destacada no nicho central, porta na mão um crânio, como a lembrar do inevitável desfecho humano (Figura 2)

Essa ambiência religiosa, impregnada por referências ao falecimento, era buscada como última morada. Acessamos o local mais importante quando alcançamos a igreja. Ali ocorrem sepultamentos, se celebram os ritos funerários. É onde estão acolhidos vibrantes elementos da arquitetura – luz, sombra, cor – da escultura, da pintura, todos barrocamente engajados em encenar, de alguma forma, o que livros santos narram sem imagens.

Continuando a percorrer o convento, outro espaço que pode ser lido na perspectiva da morte é o claustro. Com função de centralidade, dirigia os diversos fluxos no edifício. "As quatro alas do claustro são os quatro caminhos: o caminho da sabedoria humana, que leva à Via Sacra (caminho sagrado); o caminho da riqueza e do poder (que dá para o mundo lá fora); o caminho da intimidade com Deus (ala que dá para o convento) e o caminho que termina na sepultura (cemitério), meta universal de todos os viventes[6].

Ainda em Salvador, se destaca a contundente mensagem presente no claustro. Ali é possível observar como funcionava a pedagogia franciscana e a natureza catequética das obras de arte, profundamente dominadas pela visão escatológica de mundo. O simples caminhar pela ala de acesso ao cemitério dos frades é ilustrado por painéis azulejares simbolizando "o caminho passageiro da vida" através de cenas que lembram ao caminhante o valor e o significado do tempo: "O tempo voa irrevogavelmente"; "O temor da morte"; "Pela morte tudo se deve deixar"; "A morte, o último fim das coisas"; "A verdadeira filosofia é a meditação sobre a morte"; "A certeza da morte"; "A morte é igual para todos"[7]. (Figura 3).

[5] TIRAPELLI, 2010. p.779-782.
[6] FRAGOSO, sdt:23
[7] Id., 2008, p.37.

Figura 4 – Campas na nave da igreja do Convento de Santo Antônio, em Igarassu/PE

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

É importante ressaltar que, para o frade, além do contato frequente com os sinais contidos no edifício, somava-se a prática cotidiana da extensa ritualística, da qual fazia parte a rememoração dos irmãos que haviam partido[8]. Tais rituais também se consubstancializam em atributos iconográficos bastante expressivos. Na igreja, toda sorte de recursos imagéticos eram utilizados para compor um cenário de insinuações à brevidade da vida e à inutilidade da vanitas, por meio da imaginária, de pinturas, de azulejos e talhas em geral. Além das obrigatórias esculturas representando São Francisco com os estigmas, não faltará o comparecimento do Crucificado, ápice cristão do sacrifício pela morte.

O farto programa iconográfico integra-se à massa construída extrapolando os limites da simples função decorativa para impregná-la de apelos que perpassam pela emoção, religiosidade, temor, reforçando uma prática que marca imageticamente a própria história da Igreja, com a adoção de elementos artísticos como instrumentos de doutrinação desde os primeiros espaços cristãos. No II Concílio Ecumênico de Nicéia, em 787, pensadores católicos argumentaram vigorosamente contra a iconoclastia: "Devem expor-se as venerandas imagens sacras, manufaturadas com tintas, com mosaicos e com outras matérias idôneas, nas igrejas consagradas a Deus, nos vasos e paramentos sagrados, nas paredes e nos retábulos, nas casas e nas ruas"[9].

Ao longo do tempo, a cristandade manteve essa posição e a arte barroca representou um momento especial, no qual a capacidade expressiva das obras foi amplamente explorada a serviço da Igreja.

Nos conventos, representações de São Francisco alimentam a chamada "lenda franciscana das almas", segundo a qual o santo, ao receber as chagas no Monte Alverne, é informado pelo próprio Cristo que teria o privilégio de, no aniversário de morte, descer ao Purgatório e retirar, não apenas as almas dos membros da Ordem, mas a de todos os seus devotos, conduzindo-os ao Paraíso. Portanto, o seu culto garantiria privilégios no além.

Na igreja, cada pequena parte será sofregamente disputada a receber o corpo morto. As porções mais cobiçadas eram onde estavam os santos mais destacados: altar-mor e retábulos colaterais[10]. (Figura 4) No convento franciscano, coincidem com os altares dedicados às três devoções principais: Nossa Senhora da Conceição (padroeira da Ordem), cujo altar invariavelmente ficava no retábulo colateral, lado do Evangelho, São Francisco (fundador da Ordem) e Santo Antônio (patrono da Província), que alternava localizar-se no retábulo-mor ou no colateral, lado da Epístola.

[8] MAGALHÃES, 2018.
[9] Carta Apostólica do Papa João Paulo II.
[10] CAVALCANTI FILHO, 2011, po.16.

Figura 5 – Convento de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, Alagoas.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

De modo geral, épossível afirmar que o projeto missionário que envolveu vivos e mortos orientou a conduta das casas franciscanas tanto na sua manifestação arquitetônica quanto na sua inserção urbana através da oferta de lugares para a população funerária. Hoje,o ato de sepultar descartou expressiva parte do seu cerimonial, mesmo no âmbito religioso. As sepulturas pouco ressoam quanto ao lugar que se concede à morte na história dos conventos, e muito menos como parte da memória urbana.

DETALHANDO A PRESENÇA DA MORTE EM UMA CASA FRANCISCANA: O Convento de Santa Maria Madalena

A antiga povoação de Santa Maria Magdalena, hoje Marechal Deodoro, foi elevada à vila em 1636, depois capital da Província das Alagoas. Sua origem está ligada à exploração econômica de terras favoráveis ao plantio da cana de açúcar.

Implantada às margens da lagoa, rapidamente surgem ruas sinuosas que até hoje caracterizam sua morfologia. Em meio ao casario singelo, de porta e janela, se destacaram edificações religiosas e dentre elas a casa franciscana de Santa Maria Madalena. Iniciado em 1660, o convento seguiu o modelo dos demais do Nordeste, tendo sido estruturado em dois pavimentos, ordenados em uma forma retangular em torno do claustro, o coração do edifício (Figura 5).

A igreja foi enriquecida pelo aparato decorativo de retábulos doados pelos fiéis, em troca do privilégio de instalarem santos de devoção particular, bem como serem enterrados próximos aos mesmos.

A historiografia demonstra que o Convento de Madalena foi dimensionado de modo a acolher campas correspondentes à necessidades da população funerária local; portanto, o lugar dos mortos foi prioridade. Por meio do cronista Jaboatão, é possível recuperar registros de sepultamentos, os quais podem hoje ser confrontados com as mais expressivas evidências materiais presentes no prédio: a marcação de antigas campas no piso da nave e claustro (Figura 6).

O frade relata que, imediatamente, após a chegada dos primeiros religiosos à vila, se iniciaram as doações do recurso necessário à construção de capelas e retábulos, onde as sepulturas dos benfeitores seriam colocadas. A capela lateral à nave da igreja, construída em 1709 por uma família local, com retábulo e cripta funerária particulares, é um exemplo disso[11].

[11] JABOATÃO, 1861, p.609.

Figura 6 – Sepulturas no claustro do Convento de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, Alagoas.

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2009.

Figura 7 – São Francisco Penitente – Convento de Santo Antônio, em Paraguaçu, Bahia.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem

O uso do convento como espaço cemiterial foi amplo e a ele se deve parte considerável de sua sustentação econômica. Toda a ambiência interna, através dos espaços e do programa iconográfico, faz referência à espiritualidade franciscana e à morte.

Soma-se às sepulturas da nave, claustro, capelas e portaria, a rica imaginária representando santos caros à Ordem. Não somente por ser o patrono dos franciscanos, mas, sobretudo, por ser tido como "guia das almas para o outro mundo e libertador do Purgatório"[12], São Francisco das Chagas ou São Francisco Penitente, é o mais representado em pinturas e esculturas. Chagas impressas nas mãos, pés e peito, expõem-se largamente em todas as suas imagens. Seus atributos iconográficos são, além dos estigmas, tonsura, hábito e cordão com três nós indicando os votos de pobreza, obediência s e castidade. O Francisco Penitente, com cruz em uma das mãos e caveira em outra, ecoa como a composição mais repetida nos países católicos americanos[13] (Figura7).

Seguem-se representações de Nossa Senhora (Conceição, Dores, Rosário, Divina Pastora, Patrocínio), pela qual os franciscanos dedicavam especial devoção, e de frades, como Santo Antonio e São Benedito, que, junto com Fran isco, são recorrentemente representados. Além desses, há Maria Madalena, padroeira do convento; o Arcanjo São Miguel, a quem Francisco dedicava particular devoção, pelo seu poder de interceder pelos pecadores no Purgatório e de lutar contra o demônio em favor das almas dos justos; São Roque, terceiro franciscano, invocado em situações de epidemias mortais; o capuchinho São Felix de Cantalice. Destaquem-se também devoções não franciscanas, como São Geraldo Magela, portando uma caveira. Tais personagens representam, sobretudo, a derrota da morte frente à santidade, pois permanecem vivos no céu. Não por acaso, o que se comemora dos santos não é o dia do nascimento, mas a data do falecimento.

Em relação direta com os atos da Paixão, existe ainda no convento de Madalena, uma grande quantidade de imagens de cenas relacionadas aos ciclos iconográficos da crucificação. Lembrança constante da morte gloriosa pelo martírio, o Crucificado convida à penitência, ao rigor moral, à contrição. Sua iconografia é variada, podendo apresentar-se como Cristo no Horto, na Pedra Fria, na Coluna, da Cana-Verde, Senhor dos Passos, Crucificado e Morto.

[12] WILLEKE, 1973, p.19.
[13] SCHENONE, 1992, p.33.

Figura 8 - Forro da capela-mor do Convento de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro/AL

Fonte: Gilvan Rodrigues, 2009.

A exuberância barroca afirma-se de forma grandiosa na capela-mor, por meio do retábulo e do forro em abóboda de berço, do tipo caixotão, dividido em 25 painéis retangulares. Executado no século XVIII, no estilo nacional português, é considerado como um dos mais antigos dos conventos. (Figura 8). Cada um dos painéis traz um desenho diferente, com temática relacionada a Jesus, São Francisco e Maria, dos quais se destacam:

Sol – "Se não é o próprio Deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade [...] Também é considerado fecundador. Mas também pode queimar e matar."

Pena – Está ligada "aos rituais de ascensão celeste [...]."

Cedro do Líbano – "Emblema da grandeza, da nobreza, da força, da perenidade [...],de imortalidade."

Poço da sabedoria - "Síntese das três ordens cósmicas: céu, terra, inferno; dos três elementos: água, terra e ar."

Escada do Céu – "Simbolismo ligado à relação céu e terra [...]."

Justiça divina – "Símbolo da justiça [...] porque sua função corresponde precisamente à pesagem dos atos."

Olho de Deus – "Olho Divino que tudo vê."

Coroa de espinhos – "Simboliza a presença de Cristo que é como uma coroa na cabeça dos eleitos."

Rosa Mística – "A taça que recolhe o sangue de Cristo [...]."

Cruz – "[…] Tem função de síntese e de medida, nela se fundem o céu e a terra, tempo e espaço [...] Simboliza também o Crucificado [...]." [14]

Suporta tal argumentação, a contraposição metodológica de fontes diversas, a exemplo de registros escritos, iconografia, mas também a ênfase na análise do próprio monumento. Neste caso, além de fornecer elementos para o estudo da cultura da morte no Brasil Colônia, apresenta-se como um espelhamento para repensar o seu significado hoje, quando, cada vez mais, com ocaso das vocações e o vazio de significados dos generosos espaços de silêncio conventuais, seus traços são enfraquecidos e sua força relativizada no contexto contemporâneo, na sua tendência à laicização e des-ritualização. do cotidiano social.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O Brilho da Simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colônia.** Rio de janeiro: Editora Casa da Palavra/Departamento Nacional do Livro, 2001.

CARTA APOSTÓLICA DUODECIMUM SAECULUM DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II AO EPISCOPADO DA IGREJA CATÓLICA SOBRE A VENERAÇÃO DAS IMAGENS POR OCASIÃO DO XII CENTENÁRIO DO II CONCÍLIO DE NICÉIA. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1987/documents/hf_jp-ii_apl_19871204_duodecimum-saeculum.html. Acessado em Setembro de 2019.

[14] A referência para a análise dos símbolos pode ser encontrada em: CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, 1993.

CAVALCANTI FILHO, Ivan. **As principais devoções franciscanas e sua relação com o espaço e a sociedade colonial no Nordeste brasileiro.** In: Anais do 3º Encontro Internacional de História Colonial: cultura, poderes e sociabilidades no mundo atlântico (séc. XV-XVIII). Recife, set/2010. Recife: UFPE, 2011, p. 14-20.

CHEVALLIER, Jean e CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos – Mitos, Símbolos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números.** Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

FRAGOSO, Hugo. **Um Teatro Mitológico ou um Sermão em Azulejos: claustro do Convento de São Francisco – Salvador, Bahia, Brasil.** Paulo Afonso: Fonte Viva, 2008.

_____. **A Arquitetura à luz da mística franciscana, com aplicação ao Convento e Igreja de São Francisco de Salvador.** Páginas de 1 a 25. Artigo não publicado, sdt.. Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem/FAU/UFAL.

JABOATÃO OFM, Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil,** Parte 2ª, Vol. I, Livro 5, Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1861.

MAGALHÃES, Ana Cláudia. **Igrejas, Conventos, Cemitérios: o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica da Cidade Colonial Marechal Deodoro, Alagoas**. Tese de Doutorado/FAU/UFAL, 2018.

SANTA ISABEL, Frei Gonsalo de. **Estatutos da Província de Santo Antonio do Brasil.** Lisboa: Officina de Manuel & Joseph Lopes Ferreyra, 1709. Disponível em: http://purl.pt/17396/1/index.html#/337/html. Acessado em janeiro de 2015.

SILVA, Maria Angélica. **Como conventos desenham cidades: de Portugal ao Brasil, percursos da casa franciscana.** Revista Oculum, Campinas: PUC, 2017.

SCHENONE, Hector H. **Los Santos.** Buenos Ayres: Fundación Tarea, 1992, Vol I

TIRAPELLI, Percival. Iconografia da fachada da igreja da Ordem Terceira de São Francisco em Salvador, Bahia. In: **19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plaìsticas** "Entre Territoìrios", 20 a 25/09/2010, Cachoeira/BA. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/percival_tirapeli.pdf. Acessado em Setembro de 2019.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e Ordenadas pelo Illustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide.** São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853. Disponível em: file:///D:/Usu%C3%A1rios/ana.magalhaes/Downloads/000056491.pdff. Acessado em fevereiro de 2017.

WILLEKE, Frei Venâncio. **São Francisco das Chagas de Canindé - Resumo Histórico**. 2ª edição, Canindé: 1973.